

NEGOCIAÇÕES IDENTITÁRIAS EM “ESSE CABELO”, DE DJAIMILIA
ALMEIDA E “AMERICANAH”, DE CHIMAMANDA ADICHIE

Autora: Vanessa Hack Gatteli (UFRGS)

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)

RESUMO: Sob uma perspectiva comparatista, este trabalho procura analisar as negociações identitárias que ocorrem nos romances *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza a história de Portugal e Angola* (2015), de Djaimilia Pereira de Almeida e *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie. Os dois romances são narrativas migrantes, em que as personagens se veem entre dois mundos, o que as leva a experimentar os conflitos do entre-lugar (Bhabha, 2013). Em *Esse Cabelo*, a protagonista do livro passa a vida inteira negociando sua identidade por meio do seu cabelo. Para isso, tenta ter um cabelo minimamente liso e domado. Outras pessoas ao redor dela incentivam essa atitude, indicando novos produtos e cabeleireiros. O resultado é sempre desastroso. Situações semelhantes acontecem em *Americanah*, por diversas vezes o cabelo de Ifemelu se mostra como um problema. Por exemplo, ela resolve alisá-lo para uma entrevista de emprego e poucos dias depois ela precisa raspar o cabelo, pois o produto havia causado uma reação grave na pele de seu couro cabeludo. Apenas quando as duas personagens negociam suas identidades, se assumindo como diferentes em seu meio é que elas finalmente conseguem entrar em paz com seus cabelos e com elas mesmas. Assim sendo, o propósito desse trabalho é identificar como as personagens de diferentes contextos de migração buscam negociar suas identidades para conseguirem lidar com essa zona tensa e marginal que é o entre-lugar. Além disso, a ideia é trazer noções e conceitos de diferentes teóricos para analisar essas negociações e compará-las. Entre as várias abordagens possíveis, optei pela noção de “estrangeiro” proveniente da obra *Estrangeiros para nós mesmos* (1994), de Julia Kristeva.

Palavras-chave: Migração. Chimamanda Ngozi Adichie. Djaimilia Pereira de Almeida. *Esse Cabelo*. *Americanah*. Literatura Comparada.

Este trabalho pretende fazer uma análise comparativa das obras *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza a história de Portugal e Angola* (2015), de Djaimilia Pereira de Almeida, e *Americanah* (2013), de Chimamanda Ngozi Adichie, sob o olhar de teóricos importantes para quem se propõe a trabalhar com o tema da migração e pós-colonialismo na literatura, como Bhabha (2013) e Kristeva (1994).

Djaimilia Pereira de Almeida é uma escritora angolana (ainda que tenha se criado em Portugal) e *Esse Cabelo* é seu livro de estreia. É um romance autoficcional que resgata várias memórias e tem um tom bastante intimista. Todas as informações que eu pude

encontrar sobre a autora em algumas entrevistas vão ao encontro da história narrada no livro.

Chimamanda Adichie é uma escritora nigeriana, também bastante jovem, mas certamente muito mais conhecida. Ela já possui um certo número de obras publicadas, muitas com uma repercussão muito boa, como é o caso do romance *Purple Hibiscus* (2003) e do próprio *Americanah*. Se contarmos as obras de poesia e teatro, *Americanah* é seu sexto livro. No entanto, sua fama talvez não venha apenas de seus livros, ela já deu conferências no TED como *The danger of a single story* (2009) que apenas no original em inglês, já teve mais de 2 milhões e 300 mil visualizações. Além disso, ela também gravou um trecho de sua voz em uma música da Beyoncé, o que também contribuiu para sua imagem de escritora popular.

Em relação ao enredo das obras, em *Esse Cabelo*, a protagonista do livro passa a vida inteira negociando sua identidade por meio do seu cabelo. A história do romance é a história do cabelo: “A verdade é que a história do meu cabelo crespo cruza a história de pelo menos dois países e, panoramicamente, a história indirecta da relação entre vários continentes: uma geopolítica.” (ALMEIDA, 2015, p.5) Ela quer se identificar com a primeira namorada do avô, que era branca. Para isso, tenta ter um cabelo minimamente liso e domado. Outras pessoas ao redor dela incentivam essa atitude, indicando novos produtos e cabeleireiros. O resultado é sempre desastroso:

(Essa ida a Sapadores fora, na realidade, precedida de um ensaio singular, perto de casa, na dona Esperança, a cabeleireira da avó Lúcia. Inconformada com o estado do meu cabelo, agarrou num secador e numa escova e, no intervalo de pentear a minha avó, esticou duas madeixas por caridade, para provar que não era um caso perdido. “Está a ver? Não lhe digo que a Mila tem um belo cabelo? É só esticar um bocadinho e – veja!” Saímos da dona Esperança de mão dada: a minha avó com a mise do costume, eu com umas mechas esticadas um pouco acima das orelhas, que não se pentearam para podermos mostra-las em casa, ambas tentando esconder a descrença nesta solução milagrosa. (ALMEIDA, 2015, p. 26)

Assim como a passagem acima, todos os eventos importantes de sua são marcados pelo cabelo. A narrativa de Mila, a protagonista da história, tem os momentos marcantes de sua vida sempre protagonizados por esse cabelo que não se deixa domar. Seu “batismo” (não um batismo no sentido literal, mas no sentido de passar a pertencer ao mundo que não a reconhece por seu cabelo diferente) é marcado pelo seu primeiro corte de cabelo, que até então fora liso, tornando-se a partir desse momento, crespo.

A memória de sua chegada de Angola, aos três anos de idade, é marcada por estar “particularmente despenteada” e por estar agarrada a um pacote de bolacha Maria. Ela se mudou com os avós para viver com uma família branca, onde seu cabelo sempre definiu

quem ela era. A adolescência não é marcada pelo primeiro beijo ou pelo primeiro namorado, mas sim pelo primeiro salão que foi em sua vida.

Situações semelhantes acontecem em *Americanah*. A personagem nasce na Nigéria, mas após diversas greves de professores em sua universidade, opta por migrar e estudar nos Estados Unidos. Ela passa pelas mesmas situações difíceis que vários outros imigrantes que chegam aos Estados Unidos: falta de dinheiro, subempregos, e é claro, ter de lidar com o fato de ser uma imigrante negra.

A narrativa de Ifemelu também é contada sob a perspectiva de seu cabelo. O romance todo, de certa forma, é contado a partir do salão de beleza onde ela está colocando extensões em seu cabelo. Ela conta parte de sua vida no diálogo que tem com a cabeleireira e também com os vários *flashbacks* que intercalam o romance. A história é narrada em terceira pessoa e divide sua focalização em duas: a de Ifemelu, a protagonista, e a de Obinze, o primeiro amor de Ifemelu e a razão pela qual ela volta para a Nigéria. Essas duas focalizações só vão se encontrar na última parte do romance.

Por diversas vezes o cabelo de Ifemelu se mostra como um problema. Por exemplo, ela resolve alisá-lo para uma entrevista de emprego e poucos dias depois ela precisa raspar o cabelo, pois o produto havia causado uma reação grave na pele de seu couro cabeludo. Ela reluta em cortar o cabelo bem curto, mas uma amiga a incentiva a tomar essa atitude, em detrimento do alisamento:

Relaxing your hair is like being in prison. You're caged in. Your hair rules you. You didn't go running with Curt today because you don't want to sweat out this straightness. That Picture you sent me, you had your hair covered on the boat. You're Always battling to make your hair do what it wasn't meant to do. If you go natural and take good care of your hair, it won't fall off like it's doing now. I can help you cut it right now. No need to think about it too much.”
(ADICHIE, p. 257-258, 2013)¹

Esse é um dos momentos cruciais da narrativa, no qual ela se percebe diferente e precisa lidar com essa diferença. Diante do conflito (no caso, a queda de cabelo), ela necessita encontrar uma terceira via. A sugestão da amiga (que ela acaba por acolher logo adiante) se mostra como uma solução narrativa muito boa, pois a protagonista passa a lidar com o cabelo de outra forma do que vinha lidando até então.

¹ Relaxar o cabelo é que nem ser preso. Você fica numa jaula. Seu cabelo manda em você. Não foi correr com o Curt hoje porque não quer suar e ficar com o cabelo crespo. Naquela foto em que me mandou, estava com ele coberto no barco. Está sempre lutando para fazer seu cabelo ficar de um jeito que não é o normal dele. Se deixar natural e cuidar bem dele, vai parar de cair. Posso ajudá-la a cortá-lo agora mesmo. Não precisa pensar muito. Tradução de Julia Romeu. (ADICHIE, p. 414, 2013)

Outra questão é que ela praticamente não vê semelhantes nos Estados Unidos. Sua origem é bastante diferente dos afro-americanos. Ao folhar revistas, ela não enxerga mulheres negras, no máximo, algumas hispânicas. Nesse novo contexto de sua identidade negra, em que ela busca seus pares, ela precisa buscar inspiração em publicações de nicho. Para ver penteados que se adequem ao seu cabelo, ela precisa comprar revistas especialistas em cabelos afro.

Nesses romances, as personagens se prendem a ausências, a diferenças. No caso delas, aos cabelos que são a características que as fazem diferentes em seu meio. Segundo Kristeva, esse apego à ausência é uma característica do estrangeiro:

Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo. O estrangeiro seria o filho de um pai cuja existência não deixa dúvida alguma, mas cuja presença não o detém. (KRISTEVA, 1994, p. 13)

Como é possível perceber, o ponto de encontro dos dois romances em questão vai muito além da narrativa migrante. As duas narrativas colocam o cabelo num papel central, suas histórias são contadas a partir dele. Além disso, essa ida a salões, esse tecer de cabelo enquanto tecem suas histórias remetem ao mito da Sheherezade, “a tecelã das noites”, esse mito feminino, que para sobreviver, precisa estar sempre contando histórias.

Elas negociam suas identidades e se constituem enquanto sujeitos a partir do cabelo, já que posições (Bhabha, 2013), como raça, gênero, e localidade geopolítica – passam todas pelo cabelo. Em relação à raça: as duas personagens são negras e migram para um contexto majoritariamente branco. As duas são mulheres, sempre cobradas por sua aparência, precisando mostrar não apenas competências para obterem sucesso, seja na vida profissional ou na vida afetiva. Em relação à geopolítica, suas experiências de nação, elas vêm de países que ainda sofrem consequências do colonialismo – Nigéria e Angola.

A partir do momento em que precisa raspar o cabelo e não se reconhece mais no espelho, Ifemelu, de *Americanah*, inicia um blog, que alcança grande popularidade, tornando-se sua principal fonte de renda, em função de patrocínios. A mesma cultura que a machucou tanto, é agora a mesma cultura que paga por anúncios de produtos de cabelo afro em seu blog.

Em *Esse Cabelo*, Mila transcende a experiência traumática que é ir a salões de beleza e passa a vê-los com outros olhos:

Visitar salões tem sido um modo de visitar países e aprender a distinguir feições e maneiras, renovando preconceitos. O Senegal são umas mãos hidratadas, Angola um certo desmazelo, um graça brutal, o Zaire um desastre, Portugal uma queimadura de secador, um arranhão de escova. Lembro-me da

Tina, da Guiné Conacri, uma rapariga que me trançava nas Mercês e também olhava de lado os portugueses, mas posso matizar este mapa com o anjo do outro dia, a Lena, angolana que me salvou uma tarde. Entrei num cabeleireiro de centro comercial, a mulher dirigiu-se a mim sem que lhe pedisse nada, passando-me à frente de outras pessoas; lavou-me a cabeça com um vagar inexplicável; embebeu uma toalha em água quente por quatro vezes para me amaciar o cabelo e secou-mo, dando-me conselhos” (ALMEIDA, p.52, 2015)

Ou seja, ela começa a ter certo prazer nessa ida a salões, eles deixam de ser “casas assombradas”, como ela via enquanto pré-adolescente. O que não quer dizer que ela vá deixar de ter problemas. No dia de seu casamento, ela vai a um salão no qual tinha reservado três horas para ficar pronta e o cabeleireiro atrasou uma hora. Como é de se imaginar, foi mais um desastre, nem pode usar a tiara que havia escolhido com tanto cuidado para o grande dia. Mais tarde ela também vem a rapar a cabeça na zero, mas parece que só vai assimilar tudo isso com o processo de escrita do livro, o que deixa bem claro por meio de um tom auto e metaficcional.

Para além dos cabelos, as narrativas têm ainda outros cruzamentos temáticos a serem analisados. Assim sendo, achei interessante trazer também o olhar de Kristeva sobre o estrangeiro que está na obra *Estrangeiros para nós mesmos*. O conceito de estrangeiro dela não se refere apenas a pessoas de diferentes nacionalidades, ainda que possa ser aplicado também nesse sentido, e é isso que eu faço aqui. Para a teórica, o estrangeiro não está simplesmente dividido entre dois lugares. Isso ocorre porque nada mais o prende lá e nada os fixa aqui. O estrangeiro está sempre em outro lugar, ele pertence a lugar nenhum:

Não pertence a nenhum lugar, nenhum tempo, nenhum amor. A origem perdida, o enraizamento impossível, a memória imergente, o presente em suspenso. O espaço do estrangeiro é um trem em marcha, um avião em pleno ar, a própria transição que exclui parada. Pontos de referência, nada mais. O seu tempo? O de uma ressurreição que se lembra da morte e do antes, mas perde a glória do estar além: somente a impressão de um sursis, de ter escapado. (KRISTEVA, 1994, p. 15)

O estrangeiro cruza alteridades, e é isso que ocorre, tanto em *Esse Cabelo* como em *Americanah*. Para tanto que em *Americanah*, o próprio nome do romance significa alguém que viveu nos Estados Unidos e retornou para a Nigéria. O simples retorno para a Nigéria não a fará ser a mesma que era antes de emigrar. Em *Esse cabelo*, Mila nasce em Angola, mas de uma mãe portuguesa, que volta para Portugal vários anos após a ponte aérea em que a maioria dos retornados foram de volta a Portugal. Ou seja, ela acaba por ser uma estrangeira dentro de um contexto permeado por estrangeiros.

O equilíbrio é encontrado no cruzamento de alteridades, no provisório. É aí que surgem as narrativas das personagens. Depois que elas negociam suas identidades, seja

por meio de blogs, ou seja por meio de livros, mas de qualquer forma narrativizando suas relações com suas nacionalidades e se assumindo como provisórias em seus meios é que elas finalmente conseguem se conciliar com seus cabelos e com suas identidades.

Kristeva (1994) também questiona se existem estrangeiros felizes:

É possível ser estrangeiro e ser feliz? O estrangeiro suscita uma nova idéia de felicidade. Entre fuga e origem: um limite frágil, uma homeostase provisória. Assentada, presente, por vezes incontestável, essa felicidade, entretanto, sabe estar em trânsito, como o fogo que somente brilha porque consome. A felicidade estranha do estrangeiro é a de manter essa eternidade em fuga ou esse transitório perpétuo. (KRISTEVA, 1994, p. 12)

É como se o estrangeiro estivesse “condenado” a sua condição, sem perspectiva de mudança. Enquanto está nos Estados Unidos, Ifemelu lida com isso de várias formas. Como enfatizei nesse artigo, através do cabelo (e talvez essa seja a forma mais forte e visível da narrativa), mas é possível observar algumas negociações também no que tange à linguagem, mais especificamente ao sotaque, e em alguns momentos, até em relação à culinária.

Em *Esse Cabelo*, Mila também está fada à condição de estrangeira para o resto da vida, só lhe restando a alternativa de lidar com essa situação. Como muitos retornados (nome que se dá aos colonos que voltaram das colônias na ponte aérea), Mila não teria motivos nem meios para voltar para Angola. Continuaria sendo uma estrangeira. Diferente de *Americanah*, ela negocia sua identidade praticamente apenas pelo cabelo.

Por fim, finalizo com uma citação de *Esse cabelo*, que sintetiza muito bem as ideias que expus aqui, no qual Mila se refere ao cabelo da avó: “Para meu grande pesar, não é aceitável declarar à polícia de fronteira que a minha pátria é o cabelo de Lúcia” (ALMEIDA, 2015, p. 17). Ou seja, talvez a suposta felicidade do estrangeiro esteja mesmo nessas diferenças a que eles se apegam.

Referências

ADICHIE, C. N. *Americanah*. New York: First Anchor Books Edition, 2013.

_____. *Americanah*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Editora Schwarcz, 2013.

_____. *Purple Hibiscus*. New York: Algonquin Books of Chapel Hill, 2012.

ALMEIDA, D. P. *Esse Cabelo: A tragicomédia de um cabelo crespo que cruza a história de Portugal e Angola*. Alfragide: Teorema, 2015.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Tradução Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed Belo Horizonte: UFMG, 2013.

KRISTEVA, J. **Estrangeiros para nós mesmos**. Tradução de Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

THE DANGER OF A SINGLE STORY. Ted Talks. Chimamanda Ngozi Adichie. Oxford England: Ted Global 2009. 19'07". Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg> Acesso em 29/10/2016.